

BRAVO, BIÃO!

Naomar de Almeida-Filho¹

1973 foi o ano em que conheci Armindo Bião. Naquela época, a cena cultural de Salvador experimentava uma rica e peculiar conjunção de vetores. De um lado, ainda se faziam ouvir ecos do que Risério chamou de *avant-garde* na Bahia, resultante da Universidade euroafrobaiana de Edgard Santos: concertos de música contemporânea, experimentos de teatro e dança, concursos literários, clubes de cinema, salões de artes visuais. De outro lado, a resistência ao regime militar, endurecido e ufanista, produzia sons abafados pela clandestinidade e pela repressão, aumentando a atmosfera paranóica do chamado milagre brasileiro.

Mas havia um terceiro lado, dissonante, colorido e caótico, onde o tropicalismo e a contracultura provocavam e animavam passagens ao ato e transgressões. Nessa vertente, emergiam iniciativas espontâneas pessoais e grupais, declaradamente voluntaristas, como viver em comunidades ou transformar a própria casa em espaço cultural. Marilyn Miranda e Boi Aruá, Kohoutek e Smetak, Arembepe e Machu Pichu, ICBA e São Lázaro, são signos que reacendem a memória dos que viveram esse tempo em Salvador. Encontrei Armindo Bião pela primeira vez num espetáculo multi-arte dança-teatro-música-luz, por ele dirigido, produzido e interpretado, em sua casa-cenário na Vila Matos. Desde aquele lugar, iluminado entre rendas e cordas, Bião já transbordava talento, criatividade e ousadia.

Conheci-o melhor quando trabalhamos no Departamento de Política Cultural da Bahiatursa, sob o doce comando de Eulâmpia Reiber, promovendo seminários e estudos que combinavam pesquisa operacional, etnologia, animação cultural e consultoria a projetos oficiais. No início dos anos 1980, já integrado à UFBA, coordenei uma série de colóquios da Fundação Kellogg, recebendo bolsistas internacionais numa programação itinerante de exposição à cultura brasileira. Por seu amplo conhecimento da área artística e cultural, convidei Bião para compor nossa equipe. Ao lembrar esses eventos, ainda me impressiona sua performance na superação de vicissitudes e contingências, inevitáveis em encontros e choques de estrelas acadêmicas, demonstrando inventividade, firmeza, bom humor, presença de espírito e grande senso de responsabilidade.

A partir daí, como amigo e colega na UFBA, pude acompanhar sua eficiência enquanto liderança intelectual e construtor institucional. Bião de fato abriu, cultivou, fomentou e consolidou um novo campo de conhecimento, a etnocenologia, introduzindo aos estudos das artes cênicas dinamismo e rigor característicos da pesquisa etnográfica mais atualizada. Nesse percurso, organizou grupos e linhas de pesquisa dentro e fora da Bahia; implantou dois periódicos na área; fundou a ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas; concebeu a proposta e liderou a implantação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, integrando docentes e pesquisadores das áreas de dança, teatro, letras e ciências humanas. Este programa e a Pós-Graduação em Saúde

¹ Professor Titular, Instituto de Saúde Coletiva da UFBA. Pesquisador I-A do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Reitor da UFBA.

Coletiva (por coincidência, minha vinculação primária), tornaram-se os primeiros cursos de Mestrado/Doutorado da UFBA a atingir o almejado grau 6 da CAPES. Recentemente, Bião tem contribuído para a internacionalização da UFBA, especialmente no âmbito do *Collège Doctoral* Brasil-França (cotutela em doutorados com dupla titulação UFBA-Universidades francesas) e do Programa Erasmus Mundus, sendo membro docente e pesquisador do consórcio das Universidades *Libre de Bruxelles, Goethe Frankfurt am Main, Nice Sophia Antipolis e Paris Nord Villetaneuse Saint Denis*, no campo das artes do espetáculo. Como docente, pesquisador e gestor universitário, Bião esbanja inteligência, competência, produtividade, energia e compromisso com a instituição.

É mais que justa, oportuna e merecida a homenagem que a Universidade Federal da Bahia presta a um dos seus mais importantes intelectuais, nomeando Armindo Bião como Destaque em Pesquisa. Ao fazê-lo, nossa universidade sinaliza duas coisas: Primeiro, pretende contestar o monopólio de capital social da ciência convencional, reconhecendo o valor daqueles que atuam nas interfaces entre as ciências, as artes e as humanidades. Segundo, rejeita um dos estereótipos da dita “cultura baiana” – o de que não se deve louvar aos que brilham para não melindrar a medianidade que, mesmo no campo acadêmico, às vezes domina. Bravo, Bião!

(Texto publicado no Jornal A TARDE, Salvador, 2010)

